



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Palmieri Witzler Antunes, Marília; Branco Uchoa, Angela  
Cooperação, Competição e Individualismo em uma Perspectiva Sócio-cultural Construtivista  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 2, 2004, pp. 189-198  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817207>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Cooperação, Competição e Individualismo em uma Perspectiva Sócio-cultural Construtivista

Marilícia Witzler Antunes Palmieri<sup>1 2</sup>

Universidade Estadual de Londrina

Angela Uchoa Branco<sup>3</sup>

Universidade de Brasília

---

### Resumo

Examinando questões de relevância e interesse no campo da psicologia, o artigo focaliza a necessidade de se desenvolver uma perspectiva construtivista da motivação social, destacando a questão da cooperação, competição e individualismo. A perspectiva teórica enfatiza aspectos sócio-culturais, afetivos, cognitivos na análise das diferentes modalidades de interdependência humana. São abordados aspectos conceituais e teóricos referentes aos diversos elementos envolvidos no sistema motivacional do indivíduo, sob uma perspectiva sistêmica e holística, que enfatiza a dimensão interativa e contextual presente nos processos de desenvolvimento humano, valores, bem como na promoção de padrões de interação social específicos. Este artigo atribui especial ênfase aos conceitos básicos decorrentes da adoção de uma perspectiva sócio-cultural construtivista do desenvolvimento humano, abordando as dimensões metodológicas e ressaltando a necessidade urgente da psicologia de investigar a questão, tendo em vista o tema para a sociedade contemporânea.

*Palavras-chave:* Cooperação; competição; individualismo; valores; motivação social.

### Cooperation, Competition and Individualism from a Sociocultural Constructivist Perspective

### Abstract

In the present article we argue for the need to develop a conceptual and theoretical approach to the study of social motivation, particularly focusing upon the issue of cooperation, competition and individualism. The perspective here adopted emphasizes sociocultural, affective and cognitive dimensions of human social interdependence. We discuss the components of human motivational system from a systemic and holist viewpoint that emphasizes the contextual dimensions of developmental processes of value co-constructions, as well as specific patterns of social interaction. This article attributes special emphasis to the basic concepts derived from the adoption of a sociocultural constructivist perspective of human development, addressing the methodological dimensions and stressing the urge of scientific psychology to contribute to contemporary society by providing a theoretical framework for the development of cooperative, competitive and individualist values.

*Keywords:* Cooperation; competition; individualism; values; social motivation.

---

No contexto dos estudos sobre motivação social e valores humanos, muito se discute sobre categorias relativas a diferentes modalidades de participação ou interdependência social, tais como a cooperação, competição, individualismo, coletivismo, altruísmo e agressão, entre outros. Seguindo modelos teóricos específicos, muitos autores tem apresentado variadas propostas teóricas para a explicação dos motivos pelos quais as pessoas orientam suas relações umas com as outras de diferentes maneiras, enfatizando

caracterizada como sócio-cultural. Esta perspectiva inclui componentes afetivos, cognitivos que são articulados com os aspectos sócio-culturais para a análise dos processos de desenvolvimento motivacional do indivíduo. A proposta aqui é trazer contribuições à uma compreensão mais ampla do fenômeno da motivação social, considerando aspectos envolvidos no desenvolvimento humano, valores, que por sua vez levam

conceituais apresentadas por diversas teorias, destacando-se aí a perspectiva sócio-cultural construtivista. Além disso, será discutida a necessidade urgente das ciências se posicionarem acerca da questão (Morin & Prigogine, 2000), a psicologia aí assumindo sua especificidade no estudo do desenvolvimento dos valores humanos.

### **A Questão Teórica e Conceitual da Motivação Social: Cooperação, Competição e, Individualismo**

O desenvolvimento de estudos que exploram o repertório complexo das relações existentes entre fenômeno psicológico e contexto resgatam a inter-relação dos aspectos culturais, afetivos, cognitivos e sociais envolvidos na construção da subjetividade humana. Tais estudos tem levado à produção de conhecimento acerca de fenômenos relativos ao desenvolvimento social (Ex.: Branco, 1998, 2001; Corsaro, Gaskins & Miller, 1992; Eckerman & Peterman, 2001; Eisenberg & Mussen, 1989; Schweder, 1990; Staub, 1989, 1991; Tappan, 1992; Valsiner, 1987; 1989, 1998).

Os estudos que abordam as diferentes modalidades de interdependência humana nas ciências sociais e, de forma particular na psicologia, por sua vez, têm utilizado diferentes definições conceituais e sugerido explicações diversas para o fenômeno da motivação social, apoiados em orientações teóricas e níveis de análise diversificados.

Na psicologia, em especial na psicologia do desenvolvimento, a discussão teórica e conceitual da cooperação e competição vem sendo considerada no nível das ações ou comportamentos observáveis, isto é, estudos têm sido realizados para investigar a ocorrência de comportamentos caracterizados como pró ou anti-sociais (Ex.: Brownell & Carriger, 1990; Eisenberg & Mussen, 1989; Hoffman, 1990; Staub, 1989, 1991). Para a maioria dos autores, comportamentos pró-sociais são aqueles que representam ações ou atividades consideradas como socialmente positivas, visando atender às necessidades e ao bem-estar de outras pessoas, como, por exemplo, o altruísmo, a generosidade, a cooperação, os sentimentos de empatia e simpatia, etc. Por

pró-social, categoria mais ampla que inclui tanto ações altruístas, como ações visando interesses específicos por parte daquele que age em benefício de outro social. Destacam, portanto, o altruísmo como um construto que se caracteriza pela presença de uma motivação interna, isto é, o indivíduo age de forma voluntária visando o benefício de outros, sem a perspectiva aparente de ganhos pessoais ou da auto-recompensa.

Para Edwards (1991), a cooperação e a competição constituem aspectos de um mesmo fenômeno que dependem do contexto e do valor adaptativo da ação. Para o autor, cujas idéias são compartilhadas por autores de orientação evolucionária (Ex.: Frenière & MacDonalds, 1996), ambos os aspectos estão a serviço de objetivos individuais. Em contextos constituídos em contextos grupais determinados, a cooperação favorece a cooperação, ora a competição favorece a competição. O indivíduo estará sempre maximizando sua adaptação ao ambiente, caracterizada por uma situação específica. É assim que a vivência de cooperativas pode favorecer a expressão de valores de natureza pró-social, conduzindo o indivíduo a comportar-se positivamente em relação às necessidades das outras pessoas, da mesma forma que conteúdos de cooperação convidam os indivíduos à hostilidade e competição (Ex.: 1937; Radke-Yarrow & Zahn-Waxler, 1991).

Staub (1989, 1991), cuja proposta considera a cooperação e a competição como componentes partilhados com uma perspectiva construtivista, sugere que os valores sociais são dinamicamente organizados e hierarquizados no sistema motivacional da pessoa, aí incluídos elementos tais como, por exemplo, orientações pessoais (*personal goal orientations*), necessidades e motivos conscientes e inconscientes, bem como internalizadas de normas, regras e hábitos culturais. Os valores sociais representam uma importante parte do sistema complexo da

exclusivos, ou seja, quanto mais um indivíduo se aproxima de seu objetivo, mais o outro se afasta da possibilidade de alcançar o seu. Para ele, situações cooperativas ou competitivas se encontram em consonância com objetivos expressos nas interações em diferentes perspectivas e dimensões, ou seja, a estrutura favorece motivações individuais subjetivas a ela semelhantes (nível da subjetividade). Isto significa que contextos cooperativos tendem a facilitar ou promover dinâmicas interacionais cooperativas, mas não necessariamente, porque as pessoas podem interagir em desacordo com as regras do jogo se, em termos de motivação pessoal, estiverem orientadas em outra direção. Além disso, Deutsch destaca que normas e regras de natureza cooperativa e competitiva estabelecidas por um grupo social podem ser estruturadas dentro de um único contexto complexo, o qual organiza diferentes situações de relacionamento entre os indivíduos. Este seria o caso, por exemplo, da cooperação intra-grupo associada à competição inter-grupo.

A análise de Deutsch(1949) contribui, particularmente, para chamar a atenção para a importância do contexto, com suas regras e expectativas sociais. Na versão sócio-cultural construtivista, tal processo é designado como canalização cultural (Valsiner, 1998), como veremos adiante. O autor, entretanto, não dá a devida importância ou destaque, em sua análise, ao caráter processual do desenvolvimento humano em sua dimensão semiótica e sistêmica, o que é necessário para abranger a complexidade do fenômeno da interdependência social em seus aspectos macro (histórico-cultural), micro (contextual/situacional) e subjetivo (individual), os quais estão em permanente processo de mudança ou transformação ao longo da dimensão temporal (Branco,1998).

O fenômeno da motivação precisa ser analisado e entendido, portanto, em sua profunda conexão com o contexto sócio-cultural, superando as tradições da psicologia social (que, mais modernamente, valoriza o contexto) e da psicologia do desenvolvimento clássica (Freud e Piaget, que

mediados semioticamente na motivação). Isto exige que a psicologia adote uma perspectiva teórica e metodológica que lhe permita compreender especificamente a dinâmica dos processos psicológicos responsáveis pela co-construção da realidade dos sujeitos em interação.

Entendemos que considerar a motivação como um comportamento ou a emissão de respostas pessoais através da aplicação de estímulos isolados, implica em uma séria simplificação da questão em sua complexidade. Para aprofundar o estudo no sentido sistêmico, os aspectos manifestos em nível contextual devem ser estruturados dentro de um contexto sócio-cultural (Branco, 2001).

Partimos da premissa de que a motivação do sujeito envolve crenças, valores e objetivos que sustentam suas ações e atitudes pessoais. Dependendo da disposição do sujeito e do contexto em que se inserem, as interações cooperativas, competitivas e/o individuais podem assumir formas significativas. E é nesse sentido que a importância da motivação social precisa ser estudada, devido à sua influência no desenvolvimento da personalidade, na construção da identidade e das consequências das ações em construção entre sujeito e cultura. A motivação polarizada esta que precisa ser estudada de forma holística a definir-se de forma dinâmica ao longo do tempo (Magnusson, 1995). A motivação concebida, pode ser definida, como um processo dinâmico e hierarquizado de interações entre objetivos associados a diferentes contextos e relacionados a prática da cooperação e do individualismo em um contexto social.

O primeiro passo na investigação da motivação consiste, então, em reconhecer a diversidade de ângulos, a heterogeneidade da motivação e a

previamente definidas de cooperação, competição e individualismo. Examinando diferentes modalidades de participação social, Mead (1937) revela e discute o caráter cultural substancialmente diverso e heterogêneo com que os indivíduos de 13 diferentes sistemas sociais se organizavam, expressando padrões interacionais diferenciados de natureza cooperativa, competitiva e individualista. Apesar da rica complexidade de seus dados e análises, entretanto, esta tende a ficar obscurecida diante da classificação das culturas e da utilização de categorias psicanalíticas pré-estabelecidas, que dificultam a análise das culturas em sua originalidade e complexa heterogeneidade, objetivo principal da antropologia contemporânea.

Em se tratando da análise de padrões culturais marcados pelo individualismo e pelo coletivismo, encontramos nos estudos de Triandis (1991, 1995) a cooperação entendida como um dos atributos característicos de grupos sociais coletivistas, onde a motivação individual sistematicamente se refere ao grupo de pertencimento constituído pela família, tribo, ou nação. Já nas culturas por ele classificadas como individualistas, as pessoas tenderiam mais à competição e à defesa de seus interesses particulares. O mais importante, porém, é analisar a questão da motivação social em sua complexidade, evitando dicotomias que não consideram a riqueza da subjetividade humana em dinâmica relação com o contexto histórico sócio-cultural complexo, ambos em permanente desenvolvimento (Branco, 1996).

Em resumo, o caráter dinâmico e dialógico que caracteriza o domínio da motivação social precisa ser sempre considerado, expressando, assim, a necessidade de não se reduzir as explicações relativas às diversas formas de participação social a princípios exclusivamente individualistas ou coletivistas. A noção de sistemas classificatórios e puramente descritivos, muitas vezes encontrada na literatura, é incompatível com o estudo da motivação social no contexto de uma orientação sócio-cultural construtivista, uma vez que esta não adota categorias universais e estáveis na explicação dos fenômenos desenvolvimentais.

conduzissem à competição, egoísmo, hostilidade, etc. Tal visão maniqueísta claramente simplifica os significados culturais e a complexidade do fenômeno, deixando aberta a possibilidade para análises menos etnocêntricas ou culturalmente enviesadas.

O tema da motivação social apresenta, em suas manifestações, a possibilidade de dialogar com as tendências teóricas marcadas semioticamente pelo contexto histórico-cultural e pelas configurações típicas dos seres humanos em que é investigado. O modelo de motivação capitalista do mundo ocidental, por exemplo, tende a configurar, em si mesmo, uma base de motivação de diferentes versões de individualismo. Por outro lado, de acordo com Dumont (1985), que o indivíduo como categoria vem se configurando ao longo da história, as mudanças históricas causadas pelo advento do Cristianismo e, mais recentemente, da Revolução Industrial do século XVIII, medida em que a humanidade passou a caminhar rumo ao avanço tecnológico, associado ao liberalismo, típico da evolução e consolidação do capitalismo, as relações, necessidades e interesses foram sendo transformados entre os seres humanos (Jurberg, 2000; Triandis, 1995, 1996, 1997). O modelo de produção capitalista, baseado na disposição competitiva e no controle dos recursos, modos de pensar, perceber, sentir, relacionar-se, particular, na existência de equipamentos tecnológicos que articulam no processo de produção (Silva, 2000), o capitalismo também suscita um novo tipo de motivação social: o corporativismo, onde pessoas pertencentes à mesma categoria são motivadas a agir em nome de interesses e objetivos comuns.

A tendência das pessoas a se identificarem com grupos sociais específicos no sistema de produção, como descrito por Jurberg (2000), revela que o modelo individualista pode promover uma forma de motivação pautada em relações corporativistas. Essa forma de levar os indivíduos, mesmo de maneira não consciente, a relacionarem uns com os outros de um modo que favoreça

enquanto um processo gerado dentro de regras e padrões sociais, a hierarquia de valores e o contexto sócio-cultural funcionam como agentes facilitadores, em maior ou menor grau, da produção e manutenção do processo de individualização. Para Velho (1987), tal como para Dumont (1985), as relações humanas, hoje, trazem consigo uma marca essencial que cristaliza a própria ideologia moderna, sob o fermento do individualismo. Nesta direção, ações individualistas podem ser pensadas em termos da promoção de orientações sociais e disposições psicológicas, que se caracterizam pela disposição da pessoa em orientar-se exclusivamente para o próprio bem-estar, em detrimento dos demais e da coletividade, desconsiderando a repercussão que tal disposição representa na relação com outras pessoas ou grupos sociais. É necessário, porém, distinguir processos de individuação e individualismo, pois o primeiro representa a conquista e o reconhecimento da pessoa em sua condição de originalidade, autonomia e liberdade, e o segundo relaciona-se de perto com disposições egoístas, corporativistas, hostis e competitivas.

A sociedade se constitui em rica fonte de estereótipos e manipulações, configurando sistemas valorativos que influenciam os tipos de comportamentos avaliados pelo indivíduo como positivos ou negativos (Martínez, 1997). Entretanto, na integração dos diferentes elementos envolvidos na interdependência humana não podemos desconsiderar a produção de diferentes significados para determinadas ações, os quais devem ser sempre entendidos no âmbito de contextos culturais específicos, levando-se em conta a dimensão da subjetividade dos indivíduos em interação. Cada pessoa vivencia diferentes situações, produzindo diferentes significados e gerando novidades psicológicas, que por sua vez podem configurar mudanças nos contextos sócio-culturais em que atuam.

A abordagem sócio-cultural construtivista, portanto, se constitui em uma opção teórica promissora, ao apresentar uma concepção de desenvolvimento humano que leva em conta as dimensões semióticas e subjetivas expressas tanto

Neste caso, prevalece a noção de que o indivíduo passa por estágios desenvolvimentais predefinidos, e o sujeito supostamente percorre esse caminho. Essa visão (visão teleológica de desenvolvimento) refere-se a esta visão como sendo a que prevaleceu entre os cientistas na área, que visualizavam o desenvolvimento humano atrelado a esquemas de programação. Essa visão se baseia na idéia de interação indivíduo-ambiente. Segundo os modelos tradicionais, o desenvolvimento humano tem ênfase em ser dado ao caráter biológico dos processos desenvolvimentais, sendo a cultura considerada como um elemento constituinte da cultura, em que o indivíduo é visto como externo a ser estudada, mas não como um elemento estruturador do desenvolvimento.

A perspectiva multilinear (ou multifatorial) reconhece a sistêmica ou complexa) reconhece a existência de múltiplas trajetórias no processo de desenvolvimento. Do ponto de vista, as transformações ocorrem no desenvolvimento do sujeito não apenas no organismo, ora no ambiente, ora no contexto social, ora na interdependência recíproca que se estabelece entre eles.

Ao sublinhar o papel da cultura no desenvolvimento, os processos desenvolvimentais, não se limitam a enfatizar os perigos inerentes à cultura, mas também as funções ou características psicológicas que são socialmente construídas ou aprendidas. Assim, traz, com frequência, marcas de uma visão dialética e processual da participação da cultura no desenvolvimento no contexto social em que se insere. Se tomada de forma reducionista, igualmente reducionista, impõe uma visão simplista aos verdadeiros problemas de desenvolvimento humano, genética dos fenômenos psicológicos.

Segundo a abordagem aqui proposta, o caráter dialógico da interdependência humana seja postulado, sendo preciso, entretanto, levar em conta os específicos pelos quais o contexto cultural exerce influência (moral, política, religiosa, econômica, etc.) no desenvolvimento humano.

particularmente útil para analisarmos a questão das diferentes modalidades de interdependência social, buscando identificar os componentes e processos sistêmicos envolvidos na dinâmica das interações indivíduo – sociedade.

Assumir a separação inclusiva e a concepção processual de desenvolvimento enquanto construtos analíticos conduz, assim, a questionar toda e qualquer tipologia baseada em traços e características permanentes, ou categorias mutuamente exclusivas no campo da psicologia. Isto permite a elaboração de novas questões teóricas e metodológicas que irão representar os atuais desafios da psicologia contemporânea.

Também julgamos fundamental aqui ressaltar a importância da dimensão tempo na concepção de desenvolvimento segundo a visão sócio-cultural construtivista. A dimensão temporal implica na idéia de contínuas transformações qualitativas, dinâmico-estruturais, que se dão ao longo da trajetória de desenvolvimento da pessoa. O desenvolvimento, então, ocorre no tempo, e mediante um processo de transformação que resulta de complexas inter-relações que se estabelecem entre o sujeito e o ambiente sócio-cultural, processo este que também é orientado para o futuro (Valsiner, Branco & Dantas, 1997). O importante dessa concepção integrada de passado-presente-futuro representa, principalmente, a abertura de um espaço para a indeterminação dos processos desenvolvimentais, onde a construção e a emergência do novo se torna possível.

Quando focalizamos o mundo subjetivo da pessoa, vemos este sendo construído e reconstruído constantemente a partir das relações dinâmicas e de contínua transformação que ela estabelece com o mundo externo e objetivo, culturalmente mediado. Destacam-se, assim, o caráter ativo do sujeito na construção de seu próprio desenvolvimento, bem como a participação efetiva das sugestões sociais presentes nos mecanismos de canalização cultural que orientam os limites físicos e semióticos que atuam nos processos interativos entre indivíduo e contexto (Valsiner, 1998; Valsiner & cols., 1997). O conceito de desenvolvimento não é entendido como

relativa (dialeticamente relacionada ao indivíduo) e aos fenômenos desenvolvimentais.

Outro construto central, de grande importância para o tema aqui analisado, é o de internalização, que encontra na própria origem dos processos psicológicos os envolvidos na co-construção de valores.

### Explorando o Conceito de Internalização

O conceito de internalização tem sido discutido por diversos autores na tentativa de explicar o processo psicológico através do qual se torna possível a construção de conteúdos e processos inter-psicológicos no plano intra-psicológico. Na teoria psicanalítica, o processo de identificação se refere à idéia de que o indivíduo se baseia na base sócio-moral da estrutura social para a construção de conceitos e outras formas de material psicológico. Os vínculos afetivos que emergem das relações estabelecidas com os outros, especialmente com a mãe (e, mais especificamente, o pai). No pensamento de Pierre Janet (Valsiner, 1998; Van der Lely, 1988) o conceito de internalização também é considerado central. Volta-se, basicamente, à compreensão do funcionamento dinâmico das funções psicológicas do indivíduo, embora estas apresentem diferenças em termos de valor. Janet postula que, internamente, o indivíduo organiza de forma dinâmica e hierárquica as funções psicológicas, ao mesmo tempo em que as relaciona com o seu desenvolvimento e das interações com a realidade externa e objetiva.

Em James Baldwin, psicólogo americano do século XX, contemporâneo de Janet, encontramos contribuições relativas a uma compreensão do processo de transformação inerentes ao funcionamento do indivíduo, quando ele enfatiza o papel da cultura na construção de seu mundo interno e social (Baldwin, 1994). Para explicar como os mecanismos psicológicos (plano social) tornam-se internos (plano psicológico), introduz o conceito de imitação persistente

experiências subjetivas novas, assim como novas ações, que acabam por transformar, ao mesmo tempo, o ambiente e o sujeito. Assim, o I (sujeito agente) torna-se Me (sujeito reflexivo), na medida em que reorganiza subjetivamente o material psicológico proveniente de experiências socialmente compartilhadas. O Me, por sua vez, a cada momento, constitui-se objeto de análise do I.

É, porém, nas formulações de Vygotsky sobre a idéia de internalização que encontramos uma elaboração mais sofisticada do conceito. Vygotsky, particularmente interessado na natureza co-constitutiva do desenvolvimento cognitivo (1930-1994; 1986), reconhece a internalização como a interiorização de conteúdos históricos determinados e culturalmente organizados. Ao lidar com as relações afetivas à linguagem e à complexidade das funções psíquicas superiores (particularmente o pensamento), Vygotsky associa a idéia de que o processo de interiorização envolve a reconstrução da atividade psicológica interna, tendo como base as operações com signos externos, especialmente os signos lingüísticos. Ao postular que os signos lingüísticos operam como mediadores da re-elaboração mental de processos que transformam o inter-subjetivo em intra-subjetivo, Vygotsky reconhece o papel instrumental da linguagem na reconstrução mental dos recursos internos de que o sujeito dispõe frente a eventos que ocorrem na realidade externa (na resolução de problemas, na tomada de decisões, etc.). Enfim, este movimento de fora (inter-psicológico) para dentro (intra-psicológico) é entendido na teoria histórico-cultural como o resultado das experiências compartilhadas pelo sujeito com outras pessoas, gerando uma série de transformações de natureza qualitativa nas funções psicológicas no percurso do desenvolvimento individual. Suas idéias sobre o conceito de internalização é que servirão de base para a elaboração do mesmo na perspectiva ora adotada.

#### **Internalização e Externalização na Perspectiva Sócio-Cultural Construtivista**

relacionados. Envolvem mecanismos que dinamizam a troca e mútua elaboração entre a cultura pessoal – relativa ao indivíduo – e a cultura coletiva – âmbito dos significados compartilhados (Lawrence & Valsiner, 1993; Valsiner, 1994, 1998).

Valsiner (1994, 1998) utiliza a cultura coletiva para expressar a dimensão social, em interação constante com o desenvolvimento psicológico. A cultura coletiva refere-se aos conteúdos compartilhados pelos grupos de indivíduos que participa, incluindo-se aí a linguagem e as práticas de vida cotidiana. A cultura é entendida como um sistema constituído por um conjunto de conteúdos internalizados reconstrutivos de experiências, opiniões, enfim, de significados compartilhados em contato com a cultura coletiva que os indivíduos processam pelo indivíduo de forma diferenciada em contextos comunicativos a cultura coletiva dando origem a diferentes significados e elementos à cultura coletiva. O indivíduo é visto como um elemento que as dimensões da subjetividade desempenham um papel constituinte no processo de desenvolvimento individual e coletivo.

Do ponto de vista do indivíduo, a internalização de conteúdos culturais é orientada por fatores motivacionais, afetivos etc., que se relacionam com objetivos, metas e aspectos culturais (como a cultura de forma intencional), atribuindo-lhes significado a partir de um amplo universo de experiências sociais de produção de significados. A cultura é entendida como uma multiplicidade de sentidos pessoais e coletivos. Aqui que, devido ao caráter histórico e dinâmico dos significados, evitamos distinguir entre a cultura e o faz Vygotsky, e utilizamos a noção de cultura em uma mais ampla (Bruner, 1996). Sendo a cultura sendo produzidos nos processos de desenvolvimento o indivíduo à problematização dos conceitos já existentes, conflitos e negociações.



Analisando contextos de interação entre adultos e crianças, podemos dizer que as mensagens culturais ativamente comunicadas pelos adultos são ativamente processadas pela criança, através de processos simultâneos de internalização e externalização. Crianças e adultos são construtores conjuntos de novos significados culturais e, em seus respectivos papéis, são construtores ativos e conjuntos da cultura coletiva (Valsiner & cols., 1997). Assim, podemos afirmar, juntamente com Lawrence e Valsiner (1993), que os valores culturais e padrões sociais são permanentemente submetidos a processos transformacionais, na medida em que são internalizados e externalizados. Esta é a dinâmica dos processos que constituem, e continuamente modificam, valores, crenças, preferências coletivas e individuais, bem como outros produtos culturais.

Compreender a rede de significados produzidos nos processos de internalização e externalização, sob a visão teórica adotada, nos leva necessariamente a um desafio metodológico: Como especificar o quê, exatamente, é trazido para o mundo intra-psicológico? Como entender a dinâmica das transformações resultantes do diálogo interno das diferentes vozes (Bakhtin, 1986; Wertsch, 1998) no contexto das emoções co-constituídas nos processos de comunicação intersubjetiva? Como analisar as condições ou circunstâncias em que se dão os processos co-construtivos de significação, uma vez que não se trata simplesmente de uma aquisição, ou mesmo apropriação da cultura coletiva no âmbito individual (Valsiner, 1994)? Acreditamos que a adoção de metodologias qualitativas (Corsaro & cols., 1992) e de caráter microgenético (Siegler & Crowley, 1991) sejam particularmente produtivas na busca de respostas para tais questões.

### **Universo Motivacional dos Valores Sociais: Cooperação, Competição e Individualismo**

Crenças e valores constituem-se em elementos que compõem o sistema da motivação social do sujeito. Cada pessoa atribui um significado pessoal e subjetivo ao conjunto

contextuais e culturais aí envolvidos. Se nos distanciarmos de uma definição estática e tradicionalmente representada pelos conceitos tradicionais, e, nos aproximamos de uma análise conceitual das características dinâmicas do funcionamento humano, passando a empregar o termo orientação.

A introdução do termo orientação na perspectiva cultural construtivista busca assegurar o caráter dinâmico dos conceitos de objetivos, crenças e valores, associados a idéia de transformação (Bakhtin, 1986; Wertsch, 1997). Objetivos, crenças e valores, não existem de forma estática e independente, mas são a relação bidirecional pessoa-contexto que se constitui e se incorporando ao sistema de valores da pessoa de forma contínua e transformada, sob as perspectivas subjetivas que englobam o passado, presente e futuro. A diferença entre crença e valor, conforme colocada por Corsaro e colaboradores (1997), dá-se principalmente na carga afetiva especialmente densa que caracteriza o conceito de valor, o qual também se aproxima com o conceito de meta ou objetivo e convicções, crenças, valores e objetivos que se organizam de forma sistêmica, sendo tal organização a sucessivas re-estruturações em função das mudanças internas e externas ao sujeito contextualizado. As orientações para objetivo, estas podem ser vistas como processos dinâmicos de desenvolvimento que envolvem um sistema de limites inter-relacionados, semioticamente mediado, o qual, por estar aberto ao futuro, impulsiona e limita as ações e pensamentos dos indivíduos no tempo presente (Valsiner, 1997; Valsiner & cols., 1997).

Estaremos neste artigo nos referindo ao conceito de valor, na medida em que este representa um caso especial de orientação para crenças e valores por maior estabilidade, devido à carga emocional fundamental que desempenha nos processos de desenvolvimento humano.

sendo construído e reconstruído, em função de suas orientações para objetivos, crenças e valores, sendo a pessoa freqüentemente motivada por um amplo conjunto de metas e valores que vão definindo prioridades específicas que se modificam no fluxo das relações entre a pessoa e o contexto (Branco, 2001).

Em resumo, podemos dizer que o sistema motivacional da pessoa envolve orientações para crenças, valores e objetivos individuais, que acabam por participar ativamente na promoção de padrões de interação social específicos, como a cooperação, competição e individualismo.

Do ponto de vista metodológico cabe a proposta da utilização de estratégias microgenéticas para a análise das interações sociais (Branco & Valsiner, 1997), as quais possibilitam documentar a emergência das interações que se organizam em um fluxo complexo de atividades orientadas para objetivos, que podem se apresentar ora convergentes (quando há compatibilidade de objetivos), ora divergentes (quando há incompatibilidade de objetivos), ora envolvendo processos de negociação. Além disso, permitem a identificação de padrões de interação que se apresentam ora claros, ora ambíguos ou ambivalentes. O nível microgenético de análise assegura, assim, a visualização das orientações para objetivos individuais, conduzindo a processos interacionais convergentes (Ex.: a cooperação), divergentes (Ex.: a competição), a processos de negociação ou à ambivalência.

Branco e Valsiner (1997) destacam a importância dos processos de negociação, exemplificando como processos interativos divergentes (incompatibilidade de objetivos), podem, de fato, se transformar em padrões de interação convergente (compatibilidade de objetivos). Este é apenas mais um exemplo da complexidade que envolve o estudo da motivação social e dos padrões interacionais relativos ao fenômeno da cooperação, competição e individualismo, e que convida a psicologia a encarar de forma igualmente complexa a questão.

interação social. Ao analisar o contexto social e a sua estreita relação com os processos psicológicos, estão na base do desenvolvimento da pessoa. Nas interações sociais, nosso objetivo foi sistematizar as contribuições dos pesquisadores para a importância da interação social que se dão no dia-a-dia da vida, bem como a repercussão de tais práticas, que tange a emergência e as tendências comportamentais, especialmente o papel fundamental da interação social no que diz respeito à canalização da energia e a internalização de valores sociais.

O artigo propõe, portanto, uma abordagem teórica e metodológica que tem por objetivo a investigação dos processos de construção de valores sociais e de interação social que sejam de acordo com os objetivos estabelecidos por um indivíduo, coerente com os valores humanos e a fraternidade.

## Referências

- Bakhtin, M. (1986). The problem of speech genres. In Holquist (Orgs.), *Speech genres and other essays*. University of Texas Press.
- Branco, A. U. (1996). Constraints on the use of language. (Review essay). *Culture and Psychology*, 1, 1-10.
- Branco, A. U. (1998). Cooperation, competition and negotiation: a constructive approach. Em M. C. Lyra (Org.), *Within culturally structured environments*. Ablex.
- Branco, A. U. (2001). Contextual, interactional and developmental aspects of cooperation and competition: A co-cultural approach. (Org.), *The theory and practice of culture*. Denmark: Aarhus University Press.
- Branco, A. U. & Valsiner, J. (1997). Changing goal orientation: a study of goal orientation in social interaction. *Journal of Nonverbal Behavior*, 21, 35-64.
- Brownell, C. A. & Carriger, M. S. (1990). Cooperation and competition during the second year of life. *Developmental Psychology*, 26, 1-10.
- Bruner, J. S. (1996). *The culture of education*. Harvard University Press.

- Eckerman, C. & Peterman, K. (2001). Peers and infant social communicative development. Em G. Bremner & A. Fogel (Orgs.), *Blackwell handbook of infant development* (pp. 19-40). Oxford, UK: Blackwell.
- Ford, D. H. & Lerner, R. M. (1992). *Developmental systems theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Guareschi, P. A. (1999). Ideologia. Em M. G. C. Jacques, M. N. Strey, M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea: Livro-texto* (3ª ed., pp. 89-103). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hoffman, M. L. (1990). The contribution of empathy to justice and moral judgment. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *Empathy and its development* (pp. 47-80). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Johnson, D.W. & Johnson, R.T. (1989). *Cooperation and competition: Theory and research*. Minnesota, MI: Interaction.
- Jurberg, M. B. (2000). Individualismo e coletivismo na psicologia social: Uma questão paradigmática. Em R. H. F. Campos & P. A. Guareschi (Orgs.), *Paradigmas em psicologia social: A perspectiva latino-americana* (pp. 118-166). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kohn, M. L. (1979). The effects of social class on parental values and practices. Em D. Reiss & H. Hoffman (Orgs.), *The american family: Dying or developing?* (pp. 45-68). New York, NY: Plenum.
- Krebs, D. L. (1996). The value of evolutionary perspectives on social relations among children: A commentary. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 75-80.
- La Frenière, P. J. & Mac Donald, K. B. (1996). Evolutionary perspectives on children's resource-directed behaviour in peer relationships: An introduction. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 1-5.
- Lawrence, J.A. & Valsiner, J. (1993). Conceptual roots of internalization: From transmission to transformation. *Human Development*, 36, 150-167.
- Magnusson, D. (1995). Individual development: A holistic, integrated model. Em P. Moen, G. H. Elder & K. Luscher (Orgs.), *Linking lives and contexts: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 51-73). Cambridge: Cambridge University Press.
- Mead, G. (1937). *Cooperation and competition among primitive people*. New York, NY: McGraw-Hill.
- Mitjás Martínéz, A. (1997). *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas, SP: Papirus.
- Morin, E. (1992). From the concept of system to the paradigm of complexity. *Journal of Social and Evolutionary Systems*, 15, 371-385.
- Morin, E. & Prigogine, I. (2000). *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Radke-Yarrow, M. & Zahn-Waxler, C. (1991). The role of familial factors in the development of prosocial behavior: Research findings and questions. Em D. Olweus, J. Block & M. Radke-Yarrow (Orgs.), *Development of antisocial and prosocial behavior* (pp. 207-233). New York, NY: Academic Press.
- Rogoff, B. (1990). *Apprenticeship in thinking: Cognitive development in social context*. Oxford: Oxford University Press.
- Siegler, R. S. & Crowley, K. (1991). The microgenetic method: A direct means for studying cognitive development. *American Psychologist*, 46, 606-620.
- Silva, N. (1999). Subjetividade. Em M. G. C. Jacques, M. N. Strey, M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea: Livro-texto* (3ª ed., pp. 89-103). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Staub, E. (1989). Individual and societal (group) violence: A developmental perspective and their role in benevolence and harm. Em J. Reykowski & E. Staub (Orgs.), *Social and moral values*. New York, NY: Lawrence Erlbaum.
- Staub, E. (1991). A conception of the determinants of violence and aggression: Motives, the self, and the environment. Em J. Waxler, E. M. Cummings & R. Iannotti (Orgs.), *Biological and social origins* (pp. 135-164). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Tappan, M. B. (1992). Texts and contexts: Language, culture, and the development of moral functioning. Em L. T. Winegar & J. Valsiner (Orgs.), *Development within social context* (Vol. 1, pp. 93-117). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Triandis, H. C. (1991). Cross-cultural differences in assertion and group loyalty/cooperation. Em R. Hinde & J. Groeneweg (Orgs.), *And prosocial behavior* (pp. 78-88). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Valsiner, J. (1987). *Culture and the development of children's social behavior*. New York, NY: John Wiley & Sons.
- Valsiner, J. (1989). *Human development and culture: The sociocultural study*. Lexington, MA: Lexington.
- Valsiner, J. (1994). Bidirectional cultural transmission and sociogenesis. Em W. de Graaf & R. Maier (Orgs.), *Cultural development* (pp. 47-70). New York, NY: Springer.
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind: A sociogenetic approach to human development*. MA: Harvard University Press.
- Valsiner, J. & Cairns, R. (1992). Theoretical perspectives on human development. Em C. U. Shantz & W. W. Hartup (Orgs.), *Adolescent development* (pp. 15-35). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Valsiner, J., Branco, A. U. & Dantas, C. (1997). Co-cultural development: Heterogeneity within parental beliefs and practices. Em J. Grusec & L. Kuczynski (Orgs.), *Parenting and child development* (pp. 283-304). New York, NY: Wiley.
- Van der Veer, R. & Valsiner, J. (1988). Lev Vygotsky and the origin of the concept of sociogenesis. *Developmental Psychology*, 24, 1-11.
- Velho, G. (1987). *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Vygotsky, L. S. (1986). *Thought and language* (2ª ed). Cambridge, MA: MIT Press.
- Vygotsky, L. S. (1930 - 1994). The problem of environment and culture. Em J. Valsiner (Orgs.), *The Vygotsky reader* (pp. 338-350). Oxford: Blackwell.
- Wertsch, J. (1998). *Mind as action*. New York, NY: Oxford University Press.